

AS CONTRADIÇÕES DA PEQUENA E DA GRANDE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

O 4º Encontro Nacional de Geografia Agrária
Uberlândia, dezembro de 1983

Vera Lúcia Salazar Pessoa*

O 4º Encontro Nacional de Geografia Agrária, realizado no período de 4 a 8 de dezembro de 1983, foi promovido pela Universidade Federal de Uberlândia com a colaboração do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O objetivo principal desses encontros tem sido analisar os problemas da agricultura em sua atual conjuntura econômica, social e política, face às transformações ocorridas no espaço agrário brasileiro, a partir da década de 1950.

A programação do 4º Encontro consistiu de três momentos. No primeiro tivemos a apresentação de três temas relacionados à proposição principal: pequena produção versus grande produção, por convidados especiais e discussão em vários grupos de estudo que, posteriormente, voltaram a plenário para apresentar suas conclusões. O segundo e terceiro momentos foram, respectivamente, de apresentação de comunicações por alguns participantes e o painel sobre a realidade rural do Triângulo Mineiro.

O tema central: "As contradições da pequena e da grande produção agrícola" foi dividido em três sub-temas: a expansão da fronteira agrícola, agricultura energética e conflitos sociais no campo.

No primeiro dia, a análise sobre a expansão da fronteira agrícola foi feita através de dois trabalhos: "Reabertura da fronteira sob controle: a colonização particular dirigida na Amazônia" por Heliana da Silva Jateh

(UFPA) e "A fronteira em fins do século XX - proposições para um debate sobre a Amazônia", por Bertha Koiffman Becker (UFRJ).

As discussões mostraram que as posições das autoras não são divergentes com relação ao tema analisado. A diferença está no pressuposto teórico e no referencial de observação adotado em cada trabalho. O primeiro estuda um projeto de colonização particular dirigida, localizado no município de Alta Floresta, no estado do Mato Grosso. O segundo, mostra a ocupação da fronteira amazônica, discutindo oito proposições: 1) "A fronteira... não é ainda um espaço plenamente estruturado"; 2) "A fronteira não está fechada"; 3) "A mobilidade da força de trabalho é condição de constituição da fronteira e a migração não é um processo dominante espontâneo"; 4) "O processo de diferenciação do campesinato em condição de extensão da fronteira"; 5) "A expansão da fronteira se efetua num contexto de urbanização"; 6) "A rápida reestruturação do espaço regional é fruto e condição da integração do território nacional"; 7) "Os conflitos que ocorrem na fronteira são intrínsecos à sociedade brasileira e constituem fruto e condição da integração do território" e 8) "As alternativas... mobilização versus mobilidade são complexas e contraditórias."

O conceito "fronteira" apresenta-se ainda polêmico pelo sentido que ele encerra. No primeiro trabalho "fronteira" é entendida como a apropriação de terras pelo capital. A fronteira esteve fechada e, agora, através da colonização dirigida é concebida como "reabertura sob controle". A colonização tornou-se a grande esperança para o pequeno produtor se firmar como pro

*Profa. da Universidade Federal de Uberlândia.

prietário de terras. Entretanto isto não ocorreu.

No que se refere ao segundo trabalho, a fronteira é um espaço não estruturado - um espaço de manobra, sob a ação direta e diferenciada do estado. Ela não se encontra fechada. A fronteira não é sinônimo de terra devoluta; ela não pode ser dissociada da atual situação de crise do país e, ainda, ela manifesta as contradições do espaço contemporâneo.

No segundo dia, os trabalhos foram iniciados com a discussão sobre a questão energética. O primeiro: "Agricultura energética", apresentado por Silvio Carlos Bray (UNESP/Rio Claro) analisou o problema, a partir de um levantamento de questões sobre as políticas agrária e energética traçadas pelo Estado Nacional, e os "reclamos, preocupações e dúvidas da sociedade civil", pois os objetivos dessas políticas não foram atingidos conforme o esperado, principalmente para a classe dos pequenos produtores. A subordinação da agricultura ao capital industrial é cada vez mais intensa e o que é possível identificar é uma concentração de terras que se consolida a cada dia e de incentivos e empréstimos subsidiados a um número de pessoas ou grupos de pessoas, em detrimento do grande número de trabalhadores rurais.

O segundo trabalho: "O mar de cana (a produção de energia às custas da produção de miséria)", de Francisco Graziano Neto (UNESP/Jaboticabal) mostra, principalmente, as precárias condições de vida em que vivem os trabalhadores da cana-de-açúcar - os chamados "bóias-frias", na região de Ribeirão Preto e áreas vizinhas.

Nas discussões ficou evidenciado que o problema principal não consiste na produção de alimentos conforme muitos autores admitem, face à expansão da agroindústria canavieira. A questão está no tipo de organização em que vive a sociedade brasileira, extremamente perversa e que determina a produção da miséria.

Ainda foi lembrado que a modernização da agricultura, apesar de mostrar uma alta mecanização, grande uso de insumos químico-industriais, trouxe consequências graves, como a expulsão de um grande número de pequenos agricultores de suas áreas; o surgimento e o aumento dos trabalhadores "bóias-frias"; a sazonalidade do trabalho; a precariedade das condições de transporte e de alimentação. Assim, surge a questão: como é possível dizer que houve desenvolvimento no país, se a maioria da po-

pulação vive na miséria?

As discussões sobre os conflitos sociais no campo constituíram o tema do terceiro dia de trabalhos, apresentando: "Pressupostos gerais para a compreensão dos conflitos sociais no campo", por Rosa Ester Rossini (USP) e "Conflitos e movimentos sociais no campo", por Oriovaldo Queda (ESALQ/Piracicaba).

Ao tratarem dos conflitos sociais no campo, ambos os trabalhos colocam a "terra para trabalhar", como o problema principal ou seja, o conflito. O objetivo do primeiro é introduzir o tema "conflito" na Geografia, com a discussão de terra de trabalho e terra de negócio.

Quanto ao segundo trabalho, a preocupação esteve em determinar uma tipologia sobre os conflitos sociais no campo, procurando especificar os tipos existentes. Constatou-se que há cinco tipos de conflitos: movimento pela posse da terra, luta pelos salários, luta por melhores condições de vida, movimento pela política agrícola e luta contra a renda da terra.

O cerne da questão está na busca de melhores condições de vida para a população rural e melhor distribuição da terra. Para tanto, é necessário ouvir as reivindicações do trabalhador. A partir dessas preocupações surgiram duas indagações: como ouvir este trabalhador? A reforma agrária seria a única solução para os problemas que a agricultura vem sofrendo nos últimos anos?

O painel sobre a realidade rural do Triângulo Mineiro, atividade do último dia de realização do encontro, analisou as potencialidades agrícolas que a região oferece e a situação da pecuária. Tanto a agricultura como a pecuária são atividades importantes, uma vez que esta última funcionou como marco de penetração e conquista por todo o Triângulo Mineiro. A agricultura, desenvolvendo-se paralelamente à criação do gado, está hoje em completo processo de expansão, face à política agrícola que beneficiou o desenvolvimento das culturas de exportação. O Triângulo Mineiro, hoje, é uma área onde o café e a soja se desenvolvem com grandes recursos de capital.

Nesse painel foi destacado, também, que é necessário compreender o problema dos agricultores do Brasil; que o Brasil não tem uma política real para a agropecuária e que se hoje há um êxodo rural acelerado, os fatores responsáveis por isto foram: a legislação trabalhista, o processo industrial e a urbanização.

Finalizando, foi feita uma avaliação sobre os encontros de Geografia Agrária realizados até o presente momento, concluindo-se pela continuidade dos mesmos, porque com eles podemos dizer que houve um incentivo aos estudos de Geografia Agrária no Brasil; aumentou o número de pesquisas e trabalhos nessa área e, ainda, tornaram possível analisar e discutir os vários problemas embutidos na questão agrária. Nesse repensar dos encontros concluímos que é necessário, ao final de cada Encontro, a elaboração de propostas e sugestões com o objetivo, de buscar alternativas para os problemas da agricultura brasileira. As preocupações com a pequena produção continuam, devendo ser esse também o tema do 5º Encontro, a ser realizado em Santa Maria (RS), em dezembro de 1984. Por outro lado, a nossa atuação seja como geógrafos, professores, pesquisadores é muito importante e a forma de participação é particular de cada um. Talvez o resultado principal dessa reunião tenha sido o fato de termos sentido que estamos caminhando na mesma direção: geógrafos, agrônomos, sociólogos, pois as preocupações com a questão agrária são muito semelhantes.